

METROPOLITANA

CCB

TEMPORADA
SINFÓNICA
2019 | 2020

CORO SINFÓNICO LISBOA CANTAT
ORQUESTRA METROPOLITANA DE LISBOA

A CHEGADA DO HOMEM À LUA

DOMINGO 17 NOVEMBRO - 17H00
CENTRO CULTURAL DE BELÉM

Jorge Carvalho Alves
Maestro do Coro

Adrian Leaper
Maestro

Gustav Mahler
Adagio da Sinfonia N.º 10

Gustav Holst
Os Planetas, Op. 32

FUNDADORES



PATROCINADOR
PRINCIPAL



PATROCINADORES



A CHEGADA DO HOMEM À LUA

Gustav Mahler (1860-1911)

Adagio da Sinfonia N.º 10 (1910)

(duração aproximada: 22 min.)

Gustav Holst (1874-1934)

Os Planetas, Op. 32 (1916)

(duração aproximada: 50 min.)

I. *Marte, O mensageiro da guerra*

II. *Vénus, O mensageiro da paz*

III. *Mercúrio, O mensageiro alado*

IV. *Júpiter, O mensageiro da alegria*

V. *Saturno, O mensageiro da velhice*

VI. *Urano, O mágico*

VII. *Neptuno, O místico*



TEMPORADA 2019 / 2020 ADEÇÃO 50€

30% DESCONTO

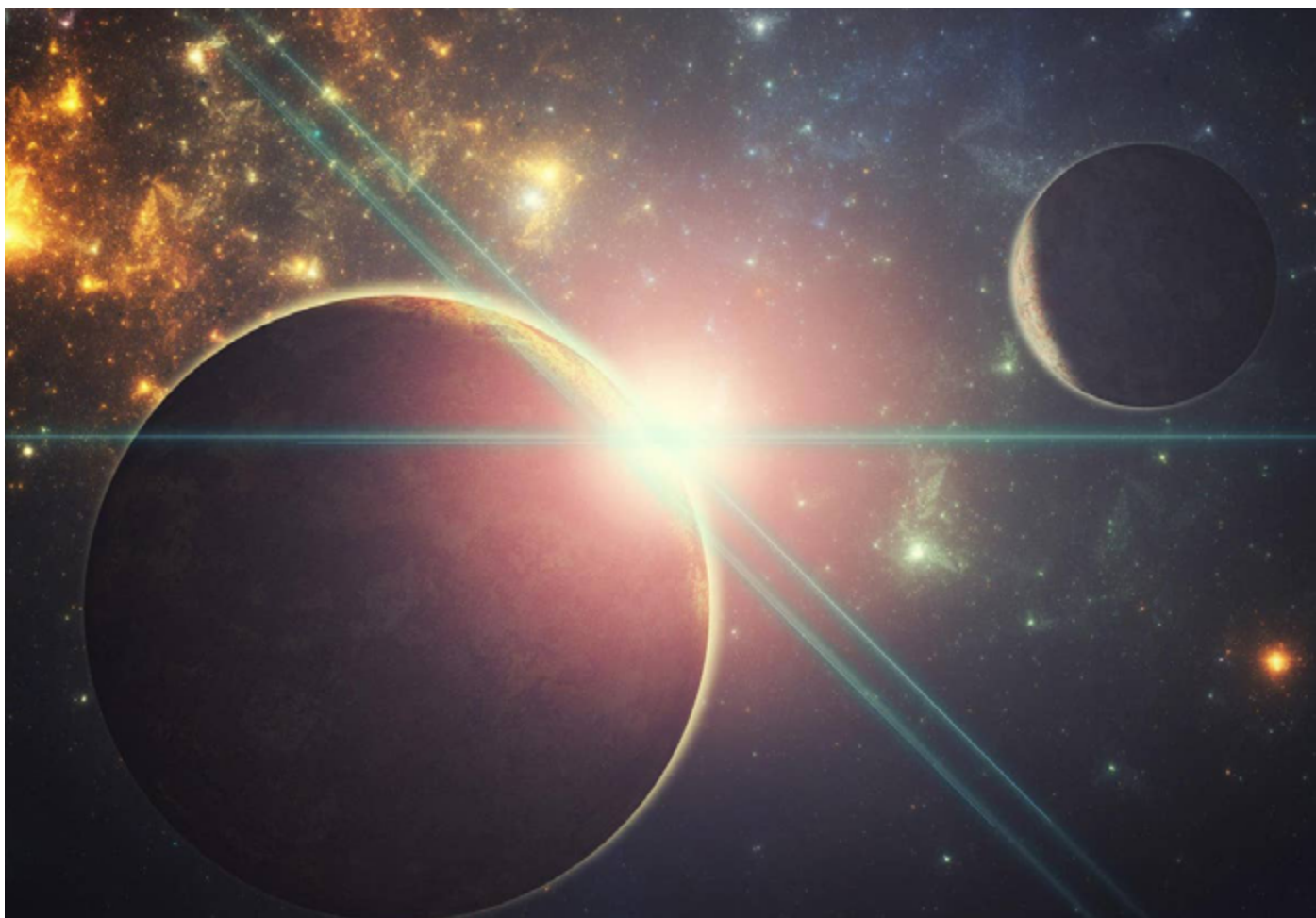
EM TODOS OS CONCERTOS DAS TEMPORADAS BARROCA, CLÁSSICA E SINFÓNICA

CONVITES E OUTROS BENEFÍCIOS

MAIS INFO

www.metropolitana.pt | relacoespublicas@metropolitana.pt | 21 361 73 20





Planetas | Fonte: Getty Images

OS PLANETAS

O Homem pisou a superfície lunar há cinquenta anos, acrescentando assim valores palpáveis ao espaço extraterrestre. Mas o universo dos planetas, das estrelas, das galáxias e das proporções intangíveis permaneceu misterioso e continua a inspirar tanto a ciência como o espírito ou as artes. Desde a revolução copernicana, em meados do século XVI, o conhecimento astrológico caíra em descrédito. Assistiu-se, porém, ao seu revivalismo em finais do século XIX. Já em 1914, Gustav Holst deixou-se fascinar por essa mundividência que associa os planetas do sistema solar a aspetos distintos da personalidade humana e dedicou a cada um deles uma peça orquestral. Nasceu assim a suíte *Os Planetas*.

Os Planetas é a composição mais conhecida de Gustav Holst. Foi composta entre 1914 e 1916 e reúne sete títulos que coincidem com os nomes dos planetas do sistema solar. Traduzia-se assim o fascínio do compositor inglês pela astrologia. Com efeito, nas últimas décadas do século XIX, várias correntes de pensamento místico apresentavam-se como alternativa ao

darwinismo e ao empirismo da ciência. Foram então resgatadas teorias ancestrais centradas na dimensão divina da existência humana e em aspetos ocultos da natureza. Despertava também no pensamento ocidental um novo olhar sobre culturas não europeias – no caso da Inglaterra, sobretudo focadas na Índia.

Em Holst, este interesse pela astrologia era primeiramente motivado por uma necessidade de conhecimento próprio – os seus ideais sagrados estariam relacionados com o budismo. Mas também foi alimentado por ligações pessoais com figuras ligadas ao teosofismo e ao ocultismo. Foram esses contactos que lhe deram a conhecer o livro *The Art of synthesis* de Alan Leo, um dos pioneiros da astrologia moderna. Publicado em 1912, este livro dedica um capítulo a cada planeta, evocando as características do comportamento humano que lhe estão associadas. Foi, precisamente, esse o modelo adotado por Holst, ao ponto de alguns dos títulos coincidirem na partitura, tal como a ordem correspondente das últimas quatro peças da suíte.

A obra musical assemelha-se assim a um livro ilustrado. Marte representa a masculinidade, a coragem e o impulso bélico. Através da música, «pinta-se» um

imaginário guerreiro com recursos orquestrais que, entretanto, se tornaram arquétipos sonoros do cinema de ação. Em Vénus, contrapõe-se um universo feminino, imerso em tranquilidade, ternura e delicadeza. São paisagens bucólicas que respiram paz e veneração pela natureza. Segue-se Mercúrio, onde se exalta a vivacidade e a alegria de viver, com entusiasmo e prontidão. Em Júpiter, desponta um espírito afirmativo e solene sobre um discurso marcado pela esperança e pelo vislumbre de desfechos épicos. Chegados a Saturno, surge o momento de melancolia e de acentuado desalento. A melodia estende-se no tempo, reflexo de fadiga e resignação. Tal como Fénix, é das cinzas que floresce a fantasia aparatosa de Urano, com requintes orquestrais que nos mantêm suspensos numa narrativa imaginária. Por fim, o pano encerra sob a égide de Neptuno, pairando no mistério de um espaço que nos transcende incomensuravelmente. A sugestão de aventura na exploração do desconhecido remata num ponto de interrogação que aponta ao futuro da Humanidade. A voz humana, com a presença do coro, glorifica essa dimensão celestial.

A DÉCIMA DE MAHLER

Poucos meses antes de fazer estrear com sucesso a Sinfonia N.º 8, em setembro de 1910, Gustav Mahler lançara-se no projeto da Décima Sinfonia, enquanto mantinha «na gaveta» a Sinfonia N.º 9 e o ciclo de canções «A Canção da Terra». Já na época havia quem acreditasse no maldito presságio daquele número, lembrando os casos de Beethoven, Schubert, Dvořák e Bruckner. Seja como for, é facto que o músico morreu no mês de maio seguinte, vítima de uma infeção cardíaca, aos cinquenta anos de idade. A partitura ficou incompleta. Só o primeiro andamento, um *Adagio*, se aproxima de uma pretensa «versão final».

Nos últimos quatro anos de vida, Gustav Mahler enfrentou episódios de grande tristeza na sua vida pessoal. Entre eles, o maior aconteceu em 1907, quando perdeu a sua primeira filha, com cinco anos de idade. Já no verão de 1910, ficou a saber da relação extraconjugal de sua mulher, Alma Schindler, com Walter Gropius, o arquiteto que veio a fundar a escola Bauhaus alguns anos mais tarde. Em virtude da coincidência temporal da composição da Sinfonia N.º 10 com este último desgosto, é incontornável estabelecer-se uma relação. Tanto mais porque são bem conhecidas as inscrições

que Mahler deixou em jeito de desabafo no manuscrito do terceiro dos cinco andamentos, curiosamente intitulado *Purgatorio*. Seria, porém, redutor entender esta partitura como mera expressão das convulsões emocionais do músico, ainda que algumas partes estejam obviamente relacionadas. Em verdade, a estrutura geral da partitura foi desenhada nas primeiras semanas do mês de julho, quando Alma ainda não havia chegado a Toblach, a localidade situada na região do Tirol que o casal frequentou nos últimos verões. Só algumas partes foram acrescentadas numa fase posterior. A mais conhecida é o clímax dissonante que se ouve ao fim de três quartas partes do primeiro andamento, o *Adagio*. A estridência desse acorde não passa despercebida.

Deste modo, a décima sinfonia foi trabalhada até uma fase bastante avançada. Mas permaneceu incompleta, tal como se encontrava no início de setembro de 1910, quando o compositor teve de se dedicar à preparação da estreia da Sinfonia N.º 8, em Munique, e à digressão aos E.U.A. que se aproximava. O manuscrito reúne cerca de centena e meia de páginas com esboços da totalidade da obra, mas em partituras de três a cinco pautas, com exceção do primeiro andamento. Significa isto que já contém as ideias essenciais, mas na sua maior parte sem a orquestração, as intervenções detalhadas dos instrumentos em cada compasso. Nos anos que se

seguiram à morte do músico, o manuscrito foi guardado por Alma. Revelado em 1922, os 1.º e 3.º andamentos foram pela primeira vez tocados em público na cidade de Praga, em 1924, numa versão reconstruída. Durante o período do Terceiro Reich, a música de Mahler foi banida da Alemanha e da Áustria, razão pela qual a sinfonia ficaria uma vez mais silenciada. No final da década de 1950, a partitura foi reconstituída pelo musicólogo inglês Deryck Cooke, e finalmente tocada na íntegra. Já em 1964, o musicólogo austríaco Erwin Ratz propôs uma nova edição crítica, mantendo-se mais fiel ao manuscrito. É essa a versão do *Adagio* que é mais frequentemente gravada e tocada ao vivo.

Contrastando com a exultação da Sinfonia N.º 8, o *Adagio* da Sinfonia N.º 10 desenrola-se num ambiente pesado e melancólico. Sugere, inclusivamente, vagas referências ao primeiro ato da ópera *Tristão e Isolda* de Richard Wagner. É certo que Mahler teria trabalhado a instrumentação de forma mais densa e imponente, conhecendo nós o cuidado que sempre investia nos pormenores da orquestração. Ainda assim, seria imperdoável ignorar um trabalho de tão extraordinário compositor, ainda que inacabado.

TEXTOS DE RUI CAMPOS LEITÃO



JORGE CARVALHO ALVES

MAESTRO DO CORO

Jorge Carvalho Alves estudou Direção Coral no Instituto Gregoriano e na Escola Superior de Música de Lisboa. Como tenor, foi membro dos Coros da Universidade de Lisboa, da Fundação Calouste Gulbenkian e reforço no Teatro Nacional de São Carlos. Participou no projeto Coro Gregoriano de Lisboa e no quarteto Tetvocal. Trabalhou como Diretor Coral no Coro de Câmara Syntagma Musicum, no Coro Sinfónico Lisboa Cantat, no Coro de Câmara Lisboa Cantat, no Orfeão da Covilhã, no Grupo Coral de Lagos, no Coro da Universidade Católica de Lisboa, no Coro do Teatro de São Carlos, no Coral Luísa Todí, no Coro Vox Cordis, no Coro da Universidade Técnica de Lisboa e no Coro da Universidade de Lisboa. Fundou (em 2015) e dirige o Coro Infantil Lisboa Cantat e o Ensemble Vocal da Universidade de Lisboa.

ADRIAN LEAPER

MAESTRO

Adrian Leaper foi Maestro Titular e Diretor Artístico da RTVE - Orquestra e Coro Sinfónico de Madrid e, antes disso, foi Maestro Titular da Orquestra Filarmónica de Gran Canária, durante quase 20 anos. A sua carreira começou com um longo estágio de cinco anos como Maestro Assistente da Hallé Orchestra, em Manchester, onde dirigiu quase 30 concertos por temporada. Na temporada passada, fez a sua estreia com a Orquestra Sinfónica de Aarhus (Dinamarca) e recebeu um convite para regressar à Orquestra Nacional de Île-de-France, depois da sua estreia com esta formação na temporada anterior. Regressou então também à Orquestra Filarmónica de Varsóvia, apresentou-se pela primeira vez com a Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música, dirigiu na Escandinávia e regularmente em Espanha.

Adrian Leaper dirigiu as quatro maiores orquestras de Londres, as Orquestras Sinfónicas de Moscovo, Viena e Praga, orquestras de inúmeros países, incluindo Reino Unido, Alemanha, Polónia, República Checa, Irlanda e Noruega. Trabalhou ainda com a Orquestra da Suíça Romanda, a Orquestra Sinfónica de Malmö, a Orquestra Mozarteum de Salzburgo, a Orquestra Filarmónica de Varsóvia, a Orquestra Filarmónica de Liverpool, a Orquestra Filarmónica Malaia

e, em Espanha, as orquestras da cidade de Sevilha e Málaga e a Orquestra Real da Galiza, mantendo sempre um contacto próximo com a Orquestra Filarmónica de Gran Canária.

Ao longo dos anos, o repertório de Adrian Leaper estendeu-se, além do repertório do período clássico, a obras de Sibelius, Janáček, Elgar, Dvořák e Mahler, assim como a música de compositores espanhóis. Para lá destes últimos, tem tido grande sucesso na apresentação de peças como *A Sagração da Primavera* de Stravinsky, *O Mandarim Maravilhoso* de Bartók, *St. Francisco Frescoes* de Martinů, a Sinfonia N.º 1 de Schostakovich e *Jenůfa* de Janáček, com Eve Urbanova e Nancy Gustavson como solistas. Teve oportunidade de trabalhar com artistas de renome, tais como Mstislav Rostropovich, Felicity Lott, Garrick Ohlssen, Rudolf Buchbinder, Mischa Maisky, Frank Peter Zimmermann, Alicia de Larrocha, Pierre Amoyal, Ernst Kovacic, Cho-Liang Lin e Anne-Sofie von Otter. Este extraordinário leque reflete-se também numa enorme discografia de quase 80 gravações em CD para as editoras Arte Nova, ASV, Naxos/Marco Polo e La Mota de Polvo, que variam desde o repertório clássico – entre as quais sinfonias de Mahler, Sibelius, Nielsen e Dvořák – até obras da Rússia e da Europa Central, música ligeira britânica e música espanhola do século XX, incluindo gravações inéditas de obras de Granados, Ernesto Halffter, Rodo, Obradores e Conrado del Campo.

CORO SINFÓNICO LISBOA CANTAT

O Coro Sinfónico Lisboa Cantat (CSLC) iniciou as suas atividades no ano de 1977 e é um dos agrupamentos da Associação Musical Lisboa Cantat. É um coro amador e conta atualmente com cerca de 90 elementos na sua formação principal, sendo alguns oriundos de escolas de música como o Conservatório Nacional, a Academia de Amadores de Música e o Instituto Gregoriano de Lisboa. Tem contribuído para a divulgação da música erudita portuguesa, estreando regularmente obras de compositores portugueses contemporâneos. Foi coro associado da temporada 2010/2011 do CCB. É de destacar também a parceria que mantém, desde 1999, com a Orquestra Metropolitana de Lisboa.

Tem-se apresentado com orquestras nacionais de renome, como a Orquestra Clássica de Espinho, a Orquestra Clássica

do Sul, a Orquestra de Câmara da GNR, a Orquestra do Norte, a Orquestra Metropolitana de Lisboa, a Orquestra Nacional do Porto, a Orquestra Sinfónica Juvenil, a Orquestra Sinfónica Portuguesa, a Orquestra Sinfonietta de Lisboa, a Orquestra Clássica do Centro e Orquestra de Câmara de Cascais e Oeiras, entre outras, para lá de orquestras internacionais, entre as quais a Orquestra Filarmonia de Madrid (Espanha), a Orquestra de Timisoara (Roménia), a Orquestra Sinfonia de Varsóvia (Polónia), a Royal Philharmonic Concert Orchestra (Inglaterra) e a Orquestra XXI.

Em Portugal, atuou nas principais salas de concerto, teatros e igrejas, tais como a Aula Magna da Universidade de Lisboa, a Casa da Música do Porto, o Grande Auditório da Culturgest, os Grande e Pequeno Auditórios da Fundação Calouste Gulbenkian, os Grande e Pequeno Auditórios do CCB, a Igreja de São Francisco (Porto), as igrejas de São Roque, São Nicolau, Basílica da Estrela, Jerónimos, Sé de Lisboa, Mosteiro de Alcobaça, Real Basílica de Mafra, Santuário de Fátima, Sé Nova de Coimbra, Teatro da Trindade, Teatro Nacional de São Carlos e Teatro Thalia, entre muitos outros.

Foi dirigido pelos maestros António Vassalo Lourenço, Brian Schembri, Cesário Costa, Christopher Bochmann, Dmitri Jurowsky, Donato Renzetti, Hans-Christoph Rademann, João Paulo Santos, José Cura, José Ferreira Lobo, Laurent Petit-Girard, Leonardo García Alarcón, Manuel Ivo Cruz, Marc Tardue, Martin André, Michael Zilm, Miguel Graça Moura, Nicholas Kraemer, Olivier Cuendet, Osvaldo Ferreira, Rui Pinheiro, Theodor Guschlbauer, Vasco Pearce de Azevedo, Zoltán Peskó, Enrico Onofri e Dinis Sousa. Desde 1986, é dirigido pelo maestro Jorge Carvalho Alves, seu maestro titular.

Colaborou em parcerias com o Coro Nacional do Teatro São Carlos (*Requiem* de Verdi e *Gurrelieder* de Schönberg, bem como a *Sinfonia Fausto* de Franz Liszt), com o Coro da Fundação Calouste Gulbenkian (*Gurrelieder* de Schönberg) e com as Bandas da Força Aérea e do Exército.

O repertório já apresentado inclui música coral *a capella* e grandes obras corais sinfónicas, entre as quais as missas de *Requiem* de Verdi, Mozart, Fauré, Brahms, Duruflé e Carrapatoso (estreia mundial), a *Missa Nelson* e a *Missa de Santa Teresa* de Haydn, o *Stabat Mater* e a *Petite*



Messe Solennelle de Rossini, os *Carmina Burana* de Carl Orff, a 3.ª Sinfonia de Mahler, a 2.ª Sinfonia de Mendelssohn, a *Sea Symphony* de Vaughan Williams, *Messias* de Händel, *A Criação* e *As Estações* de Haydn, a Cantata *Verbum Caro* e a *Oratória Popular* de Nuno Côrte-Real (estreia da versão sinfónica e estreia mundial, respetivamente), a Missa em Dó Menor e as *Vesperae Solennes de Confessore* de Mozart, a *Cantata de Outubro* de Prokofiev (estreia em Portugal), a *Cantata para un silencio* de Daniel Schvetz (estreia mundial), *L'enfance du Christ* de Berlioz, a 9.ª Sinfonia de Beethoven, a *Abertura 1812* de Rachmaninov, a *Missa Solemnis* e a Missa em Dó Maior de L. V. Beethoven, a *Oratória de Natal* e a *Oratória da Ascensão* de J. S. Bach, a *Missa Solene em honra de N.ª Sr.ª de Fátima* de Manuel Faria e Joaquim dos Santos, a *Paixão Segundo São João* de Johann Sebastian Bach e *Romeu e Julieta* de Hector Berlioz.

Participou em concursos e festivais internacionais, entre os quais o Cantonigròs em 1994 e 2003, o Florilège Vocal de Tours em 2002 (4.º Lugar), o Azores Choir Festival em 2012, e o Montreux Choir Festival em 2016 (Menção Honrosa – Très Bien).

ORQUESTRA METROPOLITANA DE LISBOA

Fundada em 1992, a Orquestra Metropolitana de Lisboa é um agrupamento de referência no panorama musical português e, em particular, no contexto cultural da cidade de Lisboa e da sua área envolvente.

Composta por 37 músicos permanentes, numa configuração instrumental “clássica”, a sua formação de base é regularmente modulada e alargada, permitindo à Orquestra Metropolitana de Lisboa uma abordagem sistemática de praticamente todo o repertório orquestral, de finais do século XVII à contemporaneidade.

Desde o outono de 2013, as Temporadas

de Música da Metropolitana organizam-se numa tripla ancoragem em três salas principais, três zonas da cidade de Lisboa e três eixos de programação. No Museu Nacional de Arte Antiga, às Janelas Verdes, tem lugar a Temporada Barroca da Metropolitana, assente numa abordagem historicamente informada do repertório barroco. No Teatro Thalia, às Laranjeiras, tem lugar a Temporada Clássica, centrada na formação instrumental de base da Orquestra. No Centro Cultural de Belém tem lugar a Temporada Sinfónica, na qual a Orquestra se apresenta em formação alargada, abordando páginas de mais ampla configuração orquestral.

Nestas últimas, em particular, juntam-se à Orquestra Metropolitana de Lisboa alunos dos estágios mais avançados da Academia Nacional Superior de Orquestra, sublinhando a dimensão pedagógica que, lado a lado com a missão artística, marca o ambicioso projeto da AMEC / Metropolitana – *Uma Orquestra e Três Escolas*. Num círculo virtuoso entre pedagogia e arte, muitos músicos da Orquestra são simultaneamente professores da Academia, estimulando um progressivo envolvimento dos alunos na programação e uma passagem gradual entre a formação e o desempenho profissional. Dos atuais membros permanentes da Orquestra Metropolitana de Lisboa, todos eles selecionados através de concursos internacionais, um terço é constituído por músicos formados nas escolas da AMEC / Metropolitana, o que confere à Orquestra uma consistência técnica de particular coerência.

À programação orquestral acresce a dos Solistas da Metropolitana, para a qual a orquestra se desdobra numa miríade de agrupamentos de câmara, de configurações múltiplas e em geometrias variáveis, atuando em dezenas de palcos, levando a melhor música de câmara não apenas a inúmeros espaços de Lisboa e municípios associados, mas também aos quatro cantos do país, cumprindo uma missão ímpar de

descentralização da cultura musical.

Ao longo da sua história, a Orquestra Metropolitana de Lisboa realizou diversas digressões internacionais, da Europa ao Extremo Oriente, destacando-se desde 2018 atuações regulares em Espanha no quadro da parceria entre a AMEC / Metropolitana e o Coro e Orquestra da Rádio e Televisão Espanhola (RTVE).

De entre as inúmeras gravações realizadas pela Orquestra Metropolitana de Lisboa destacam-se, nos últimos anos, edições monográficas – como a dedicada à música de câmara de Fernando Lopes Graça (edição conjunta da AMEC / Metropolitana e da Sociedade Portuguesa de Autores) – e edições que colocam lado a lado obras orquestrais portuguesas e páginas de referência do repertório sinfónico internacional – Beethoven, Brahms, Dvořák, Bartók e Prokofiev, entre outros.

De entre os artistas que colaboram com a Orquestra Metropolitana de Lisboa destacam-se maestros como Pablo Heras-Casado, Kristjan Järvi, Eivind Gullberg Jensen, Michael Zilm, Emilio Pomarico, Christopher Hogwood, Theodor Guschlbauer, Enrico Onofri, Nicholas Kraemer, Leonardo García Alarcón, Alfredo Bernardini, Hans-Christoph Rademann, Beat Furrer, Magnus Lindberg, Joana Carneiro, Pedro Amaral, Pedro Neves, e solistas como Monserrat Caballé, Kiri Te Kanawa, José Carreras, Felicity Lott, Elisabete Matos, Leon Fleisher, Maria João Pires, Artur Pizarro, Sequeira Costa, António Rosado, Jorge Moyano, Filipe Pinto-Ribeiro, Marcos Magalhães, Aapo Häkkinen, Natalia Gutman, Adrian Brendel, Sayaka Shoji, Gerardo Ribeiro, Corey Cerovsek, Anabela Chaves, António Menezes, Sol Gabetta, Michel Portal, Marlis Petersen, Dietrich Henschel e Mark Padmore, entre muitos outros.

Nomeado em 2013, Pedro Amaral desempenha a dupla função de Diretor Artístico e Maestro Titular da Orquestra Metropolitana de Lisboa.

CONSTITUIÇÃO DO CORO

SOPRANOS

ALEXANDRA SEIROCO
ANA LUÍSA FERREIRA
CATARINA SILVA
CLÁUDIA PONTE
ELISABETE RAMOS
FÁTIMA SOARES
GABRIELA CARVALHO
HELENA SANTOS
JESSICA COSTA
JOANA FERNANDES
MAGDA MATOS
MARGARIDA MOURA
MARIA ARAGÃO

MARIA JOÃO SOEIRO
MARIE BAPTISTA
MATILDE ANDRADE
PAULA ESPADA
RITA DIAS
SOFIA SANTOS
SOFIA SOARES
TERESA LÍBANO MONTEIRO
VANDA LEAL
VANESSA YAN

CONTRALTOS

ALDA GOES
ANA CLÁUDIA GALRINHO
ANA CRISTINA LEAL
ANA PINTO MENDES
ANA RUSSO
ÂNGELA LOPES
CRISTINA TOMÁS
ESMERALDA PEREIRA
ESTER CORTEGANO
ESTRELA MARTINHO
FERNANDA GOMES
HELENA TAPP BARROSO
IOLANDA MENDES

JOANA CANAVILHAS
LAURA COUTINHO
LEONOR RESENDE
MAFALDA CHAVEIRO
MANUELA BARROS
MARGARIDA GUERRA
MARIA DA LUZ
PAULA PINHEIRO
RITA ABRUNHOSA
SOFIA MIRANDA
SUSANA CARVALHO
TÂNIA PEREIRA
MARIA FERREIRA

© David Rodrigues



CONSTITUIÇÃO DA OML

FLAUTAS

NUNO INÁCIO
SARA SÁ ²
RITA VALENTE ²
JANETE SANTOS
JANETE SILVA ²
DIOGO SOARES ²

OBOÉS

SALLY DEAN
CARMINHO AZEREDO ²
JOEL VAZ
NAZARÉ PINTO LEITE ²

CLARINETES

NUNO SILVA
JORGE CAMACHO
NUNO BATISTA ²
DUARTE VALE ²

FAGOTES

LURDES CARNEIRO
RAFAELA OLIVEIRA
ERLINE MOREIRA ²
ANTÓNIO ANDRADE ²

TROMPAS

DANIEL CANAS
JÉRÔME ARNOUF
LUÍS OLIVEIRA ¹
HUGO MORGADO ²
MIGUEL OLIVEIRA ¹
FILIPE LOPES ²

TROMPETES

SÉRGIO CHARRINHO
ALEXANDRE ALMEIDA ²
DAVIDE LOPES ¹
ALEXANDRA CAEIRO ²

TROMBONES

REINALDO GUERREIRO ¹
RUI CORREIA ²
DIOGO RAMOS ²

TUBA

TIAGO CAIADO ²

EUFÓNIO

RICARDO ESTEVES ²

HARPAS

CATARINA REBELO ¹
EMANUELA NICOLI ¹

CELESTA

ANA FERREIRINHO ²

ORGÃO

IVAN DOUJAK ²

TÍMPANOS

FERNANDO LLOPIS
MARCO FERNANDES ¹

PERCUSSÃO

EDUARDO MACHADO ²
MARCELO RICARDO ²
BEATRIZ SOUSA ²
VICENTE SIMÃO ²

1.ºS VIOLINOS

ANA PEREIRA *concertino*
JOSÉ PEREIRA
DIANA TZONKOVA
LÚCIA SALVADO ²
BEATRIZ TOMÁS ²
ALEXÉI TOLPYGO
CARLOS DAMAS
BEATRIZ FERREIRA ²
LUÍS MIGUEL RICARDO ²
JOANA DIAS
LEONARDO GUEDES ²
CRISTIANA HERCULANO ²
INÊS MARQUES ²
DIANA ESTEVES ²
CAROLINA DUARTE ²
JACQUELINE MONTEIRO ²
MAFALDA CLEMENTE ²
BERNARDO SOUSA ²

2.ºS VIOLINOS

ÁGNES SÁROSI
JOSÉ TEIXEIRA
ANZHELA AKOPYAN
INÊS CARMONA ²
MARIANA SANTOS ²
DANIELA RADU
NONNA MANICHEVA
INÊS FERREIRA ²
XAVIER PEREIRA ²
ANA FILIPA SERRÃO ¹
LUIS SANTOS ²
ANDRÉ LEAL ²
CLARA RAMOS ²
ÂNDRIA BANDJAI ²
MIGUEL FERREIRA ²
INÊS MARTINS ²
SIMÃO MASON ²
FRANCISCA BONACHO ²
MARIA INÊS SILVA ²

VIOLAS

JOANA CIPRIANO
IRMA SKENDERI
ANDREI RATNIKOV
EDNEY FÉLIX ²
ANA ALEXANDRA RUSSO ²
JOANA NUNES
VALENTIN PETROV
PEDRO PIRES ²

VIOLONCELOS

NUNO ABREU
CATARINA GONÇALVES
ANA CLÁUDIA SERRÃO
LLUÍSA UBEDA ²
TIAGO MIRRA ²
JIAN HONG
MARGARIDA ALMEIDA ²
JOANA LAZERA ROSA ²

CONTRABAIXOS

VLADIMIR KOUZNETSOV
ERCOLE DE CONCA
MARIANA FERNANDES ²
RENATO ANDRADE ²
JOÃO LOBO ²

1 – Convidado

2 – Aluno convidado da ANSO

METROPOLITANA

DIRETOR EXECUTIVO António Mega Ferreira

DIRETOR ARTÍSTICO Pedro Amaral

DIRETOR PEDAGÓGICO Nuno Bettencourt Mendes

FUNDADORES



Presidência do Conselho de Ministros - Ministro da Cultura
Ministério da Educação
Ministério do Trabalho, Solidariedade e Segurança Social
Secretaria de Estado do Turismo / Turismo de Portugal, IP
Secretário de Estado da Juventude e do Desporto



PROMOTORES

Câmara Municipal de Caldas da Rainha

Câmara Municipal de Lourinhã

Câmara Municipal de Montijo

Câmara Municipal de Setúbal

PARCEIROS EM 2019

Câmara Municipal de Almada

Câmara Municipal do Barreiro

Câmara Municipal de Loures

Câmara Municipal do Seixal



PARCEIRO DO PROGRAMA "MÚSICA E CIÊNCIA"



PATROCINADOR PRINCIPAL

SANTA CASA
Misericórdia de Lisboa

PATROCINADORES



INSTITUIÇÕES AMIGAS DA METROPOLITANA 2019



PARCERIAS

Antena 2 | São Luiz Teatro Municipal | Universidade Nova de Lisboa | Biblioteca Nacional de Portugal

Cultivarte - Encontro Internacional de Clarinete de Lisboa | CMS Rui Pena & Arnaut

Instituto Superior de Economia e Gestão | Casa Fernando Pessoa

Fundação Arpad Szenes - Vieira da Silva | Secretaria-Geral da Educação e Ciência

www.metropolitana.pt facebook.com/metropolitanax | Travessa da Galé 36, Junqueira - 1349-028 Lisboa | Tel.: +351 213 617 320

Este concerto pode ser filmado e/ou fotografado pela organização. Caso não autorize o registo da sua imagem contacte o Relações Públicas da Metropolitana no local.

PRÓXIMO CONCERTO

BACH, PAI E FILHO: MAGNIFICAT X 2

DOMINGO 22 DEZEMBRO - 17H00

GRANDE AUDITÓRIO DO CENTRO CULTURAL DE BELÉM

ORQUESTRA METROPOLITANA DE LISBOA

CORO VOCES CAELESTES

EDUARDA MELO SOPRANO I, ALEXANDRA BERNARDO SOPRANO II, MARINA DE LISO MEZZO-SOPRANO

MARCO ALVES DOS SANTOS TENOR, ANDRÉ HENRIQUES BARÍTONO

SÉRGIO FONTÃO MAESTRO DO CORO

ENRICO ONOFRI MAESTRO

Johann Sebastian Bach *Magnificat*, BWV 243

Carl Philipp Emanuel Bach *Magnificat*, Wq. 215, H. 772

BILHETES À VENDA Preço: 8€ a 40€

Na bilheteira do CCB / Todos os dias - 11h00 > 20h00